
Apresentação da parte 01, “Marx e Engels”, capítulo 03, “Marx, Engels e a política”, do livro “Como mudar o mundo, Marx e o Marxismo”, de Eric Hobsbawm

Presentation of Part 01, “Marx and Engels”, Ch. 03, “Marx, Engels and Politics” from the book “How to change the world: Marx and Marxism”, by Eric Hobsbawm

Rosel Antonio Beraldo¹

Resumo: A filosofia de Karl Marx, em linhas gerais pode-se constatar, é um protesto veemente contra as forças que procuram edulcorar a mente humana com subterfúgios que a levam muitas vezes para uma vida desprovida de sentido. Marx se mostra um atacante incontestado contra tudo aquilo que cai de modo pronto para o ser humano e que o desumaniza na maior parte do tempo. O mundo pós 11 de setembro encontra-se de certo modo dilacerado por muitas questões que requerem uma solução rápida e certa. Para entender Marx é necessário um estudo sério e contundente, depurá-lo daquele pseudo marxismo que foi implantado na antiga URSS e na China. Marx nunca foi e nunca será um demônio como muitos o pintaram, pelo contrário, sua alma profundamente humanista estava imbuída de uma fé sem limites no homem.

Palavras-chaves: Estado, Capitalismo, Revolução, Comuna de Paris, Revolução Industrial, Crise.

Abstract: The philosophy of Karl Marx in general can be seen that is a vehement protest against the forces that seek to sugarcoat the human mind loopholes that often lead to a life devoid of meaning. Marx shows undoubted against an attacker everything ready mode falls in humans and in that the dehumanizes most of the time. The world after September 11 is somewhat torn by many issues that require a quick and accurate. To understand Marx is necessary to study seriously and strongly, debug it that pseudo Marxism that was deployed in the former USSR and China. Marx never was and never will be a demon as many painted on the contrary, his soul was deeply imbued with a humanistic faith in man without limits.

Keyword: Estate, Capitalism, Revolution, Paris Commune, Industrial Revolution, Crisis.

Introdução

Karl Marx (1818-1883), um dos grandes filósofos de todos os tempos, teve e tem ainda hoje uma enorme influência, seja para aqueles que o amam ou até mesmo para aqueles que o odeiam. Não há como, no mundo em que se vive na atualidade, não fazer referência a este grande pensador, seja para o bem ou para o mal. Acostumado a infortúnios, passou a maior parte da sua vida em salas

¹ Aluno PPG-Filosofia PUCRS.

fechadas, estudando, meditando e escrevendo para o seu tempo presente e talvez sem o saber, deixou um legado de enormes tarefas para as futuras gerações. Entre as miríades de grandes que o admiram, encontram-se Erich Fromm (1900-1980), o filósofo atual, Slavoj Žižek (1949-...), István Mészáros (1930-...) e o historiador Eric Hobsbawm (1917-...). Este último lançou recentemente o livro “Como Mudar o Mundo: Marx e o Marxismo”, em que procura reavivar, usando a expressão de Gilles Lipovetsky “na sociedade hipermoderna” (LIPOVETSKY, 2007, p. 07), o legado deixado por Marx.

Se sua vida foi marcada por muitas contradições, isso mostra claramente que o mesmo desempenhou muito bem o seu papel em vida. Ao não se envolver diretamente com alguns fatos, o que choca certas pessoas nos dias chamados globais, que o mesmo viu e ouviu não o torna um filósofo somente de gabinete, pelo contrário, estava certo de que possuía uma missão única e exclusiva, cabia a ele abrir o caminho, o restante também ele mesmo convidava que o auxiliassem nessa hercúlea tarefa.

Conforme o autor Eric Fromm em seu consagrado livro “Conceito Marxista de Homem”, ali o frankfurtiano o retrata como um “pai amoroso, meigo e indulgente” (FROMM, 1967, p. 201). Ele mesmo uma pessoa ao que tudo indica com poucas posses, soube como ninguém retratar a profunda injustiça que o capitalismo já no seu tempo propiciava aos seres humanos, via claramente que os proletários deviam se unir e acabar com esse famigerado sistema, que no mais das vezes aviltava e rebaixava “certos” tipos de pessoas. Marx sonhou muito alto, ousou sonhar, ousou ir além do seu tempo, desbravou situações que ninguém até então havia ousado pensar ou mesmo achava possível de se fazer.

Eric Hobsbawm, natural de Alexandria, Egito, enquanto este ainda era dominado pelo império britânico, é considerado nos dias de hoje a figura mais representativa no cenário mundial em relação à divulgação do legado de Karl Marx. Para este ilustre, embora controvertido historiador, pois sua apologia ao sistema stalinista ainda não foi suficientemente esclarecida, é preciso que venha a baila os momentos principais de Marx e sua doutrina. Ao longo de mais de 50 anos este historiador reuniu muitos escritos que acompanham a história em seus acertos e desacertos.

Apesar de todas as barbáries e contradições que o antigo socialismo soviético (um modelo disfarçado de marxismo, perpetrado por Stalin, diga-se de passagem), propiciou ao mundo, Eric Hobsbawm não diminuiu até o presente momento a sua crença neste sistema, pelo contrário incita em todos cada vez mais um estudo profundo sobre o sistema proposto por Marx para salvar a humanidade do colapso promovido por um sistema tido como injusto e demolidor da espécie humana. Num momento em que o mundo se vê às voltas com os fantasmas da recessão, desemprego, injustiças, crise no meio ambiente e guerras patrocinadas por grupos econômicos poderosos, estudar este grande filósofo da suspeita, requer espírito aberto, imparcialidade e acima de tudo um renovado espírito crítico, saber discernir os sinais dos tempos, eis o grande desafio para todos.

Não há como dissociar Marx de Engels. Dificilmente um sem o outro teria auspiciado tamanha envergadura na história subsequente da civilização ocidental. Ambos com intenso fervor priorizam acima de tudo, neste capítulo terceiro, as “concepções políticas [...], suas concepções sobre o Estado e suas instituições, [...] a luta de classes, a revolução, o modo de organização, a estratégia e táticas do movimento socialista e questões semelhantes” (HOBSBAWN, 2011, p. 53).

A vida é o grande instrumental usado por Marx para se analisar a história cambiante, sendo assim: O Estado na vertente marxista era algo imprescindível e passível de ser tomado mesmo que isso se desse pela força, tanto Marx, quanto Engels sentiam que aquele atual Estado que estavam presenciando era pernicioso, em certa medida escravocrata, portanto:

Embora o poder do Estado fosse vital para o domínio da classe, a autoridade dos capitalistas sobre os trabalhadores só está investida em seus detentores como uma personificação do fato de os requisitos do trabalho estarem acima do trabalhador (Ibidem, p. 53).

Ao mesmo tempo que

Marx [...] dedicou atenção sistemática na década de 1840 à análise da filosofia social e do que pode ser chamado de análise filosófica da natureza da sociedade burguesa e do comunismo. Não houve um esforço teórico sistemático análogo em relação à política. Nesse campo quase todos os seus textos assumem a forma de matérias jornalísticas, investigações do passado político imediato [...] e cartas pessoais (Ibidem, p. 54).

Críticos na atualidade, muitas vezes, declaram ser Marx e Engels um tanto quanto que ambíguos, “por isso a natureza exata das ideias de Marx e em menor grau de Engels é muitas vezes incerta, sobretudo no tocante a assuntos que não lhes interessavam de perto” (Ibidem, p. 54).

Ao retratar a sociedade capitalista como um local infestado por interesses de toda ordem, não lhe caía muito bem o mundo jurídico, este estava deveras mancomunado com os patrões e ambos se nutriam mutuamente de desejos de ver cada vez mais a classe trabalhadora produzindo mais. É notório que “quase não há referências específicas a leis nos textos de Marx” (Ibidem, p. 55) e mais emblemático ainda:

Difícil entender porque Marx e Engels não se deram o trabalho de preencher certas lacunas teóricas que a nós parecem óbvias. O tempo histórico em que escreveram e sobre o qual escreveram não só era totalmente diferente do nosso, como também [...], muito diferente da época em que os partidos marxistas se transformaram em organizações de massa ou em forças políticas de relevo (Ibidem, p. 55).

Maior estranheza causa ainda o fato de que “nenhum deles jamais dirigiu ou foi membro de partidos políticos” [...], “no máximo assessoraram seus dirigentes e estes [...], apesar da enorme admiração e respeito por Marx e Engels nem sempre acataram seus conselhos” (Ibidem, p. 55).

O tempo de Marx foi, sem dúvida alguma, atípico em todos os sentidos, seu sonho, mais precisamente:

A forma comunista inicial da teoria do Estado de Marx esboçava quatro pontos básicos: a essência do Estado era o poder político, que é a expressão oficial da oposição de classes dentro da sociedade burguesa; por conseguinte ele deixaria de existir na sociedade comunista; no atual sistema, representava não um interesse geral da sociedade, mas o interesse da(s) classe(s) dominante(s); porém com a vitória revolucionária do proletariado, ele não desapareceria imediatamente durante o esperado período de transição e assumiria a forma temporária de proletariado organizado como classe dominante ou ditadura do proletariado (Ibidem, p. 56).

A crença num futuro melhor, com a classe operária dirigindo o Estado era outro sonho do filósofo alemão, porém havia algo a mais em suas ambições:

Tanto Marx quanto Engels acreditavam na futura dissolução do Estado e na necessidade de um Estado de transição, bem como na necessidade de planejamento e gestão social, até, pelo menos, o primeiro estágio do comunismo, o futuro da autoridade política suscitava problemas complexos, que seus sucessores não solucionaram nem na teoria nem na prática (Ibidem, p. 57).

De bom alvitre salientar que nos escritos marxistas, “duas coisas ficam obscuras: quando o Estado começaria a desaparecer na prática, e como se processaria esse desaparecimento” (Ibidem, p. 58). Nenhuma outra coisa aconteceu até hoje e pela atual caminhada do mundo, no momento presente, pode-se quase que com toda certeza afirmar que essas duas previsões de antanho irão ainda levar muito tempo até se concretizarem.

O que significa a ditadura em Marx? Muito tem se pensado e escrito a respeito. Segundo o autor alexandrino Eric Hobsbawm:

Ao que parece o próprio Marx nunca usou o termo “ditadura” para aludir a uma forma de governo institucional específica, mas sempre apenas para descrever o conteúdo de um grupo ou uma classe, [...], o único regime que Marx descreveu como uma ditadura do proletariado foi a Comuna de Paris, [...], Marx e Engels não construíram um modelo universalmente aplicável da forma da ditadura do proletariado, nem previram todos os tipos de situações nem que ela poderia vigorar (Ibidem, p. 60).

O governo da Comuna de Paris durou oficialmente de 26 de março a 28 de maio de 1871 e a mesma acabou de forma trágica deixando atrás de si um rastro sangrento de milhares de mortos. Nesse quesito:

A experiência da Comuna de Paris indicou a necessidade de reformulações importantes das ideias de Marx e Engels sobre o Estado e a ditadura do proletariado. Não bastava simplesmente assumir o comando da velha máquina do Estado, era preciso eliminá-la (Ibidem, p. 61).

Difícil entender a crença deste pensador, dá-se a impressão de ser ele na maioria das vezes um pragmático, extremamente crédulo de que aqueles que estavam ao seu redor fossem assim num curto período de tempo fazer as transformações radicais, esquecendo ele que na maioria das vezes quem está embaixo, ao assumir o poder perde o seu objetivo, maravilhado que fica pelo poder agora conseguido:

Seja qual for sua forma precisa, o poder do proletariado sobre a burguesia derrotada tem de ser mantido durante um período de transição, de duração incerta e sem dúvida, variável, enquanto a sociedade comunista gradualmente transforma a sociedade capitalista (Ibidem, p. 61).

Outra vez o tempo em Marx:

Mesmo depois da revolução, [...], a substituição das condições econômicas da escravidão do trabalho pelas condições do trabalho livre e associado só pode ser obra progressiva do tempo e a atual operação espontânea das leis naturais do capital e da propriedade fundiária só pode ser substituída pela operação espontânea das leis da economia social do trabalho livre e associado no decorrer de um prolongado processo de desenvolvimento de novas condições (Ibidem, p. 62).

O tempo mostrou para Karl Marx e todos aqueles que presenciam a história diária, de que o homem é no mais das vezes uma máquina complexa, com pulsações extremadas, paixões desenfreadas, que muitas vezes custam caro para todos. A experiência comunista no leste europeu e em outros lugares de menos expressão, dá muito bem uma noção de que mesmo o poder ser entregue

a um grupo de pessoas até certo ponto bem intencionadas não resolve de imediato todas as agruras existentes; vive-se num mundo de pessoas reais, o que leva a supor que para Marx:

Essa cautela com a previsão do futuro devia-se em grande parte ao fato de ser o proletariado o principal agente e líder da revolução, ele próprio uma classe em processo de desenvolvimento. Os amplos contornos das ideias de Marx e Engels a respeito desse desenvolvimento, evidentemente baseadas em essência na experiência britânica de Engels na década de 1840, estão no Manifesto Comunista: um progresso que parte da revolução pessoal, avança por lutas econômicas localizadas e seccionais, primeiro informais, depois cada vez mais organizadas através dos sindicatos profissionais e chega por fim a uma só luta nacional entre as classes, que deve ser também uma luta política pelo poder. A organização dos trabalhadores como uma classe deve ser feita, por conseguinte na forma de um partido político (Ibidem, p. 62).

Conscientizar as pessoas, eis outro requisito importante na teoria marxista. Dar a devida importância àquilo que diretamente está ligado à vida do mundo operário, não fugir das questões mais básicas, o essencial de um grupo que deve lutar firme contra um inimigo que tem todo o armamento necessário para derrubar qualquer pretensão de transformação, seja de qual grupo for.

Na época de Marx e Engels, e no entender deles, o fundamental era transformar o movimento operário em um movimento de classe, pôr às claras o objetivo implícito em sua existência, que era substituir o capitalismo pelo comunismo. Mais urgente ainda era transformar o movimento operário num movimento político, num partido da classe operária, separado de todos os partidos das classes dominantes e voltado para conquista do poder político. Por isso, era vital para os trabalhadores não se abster de ação política, nem permitir qualquer separação entre seu movimento econômico e sua atividade política. [...] A palavra partido não tem aqui as acepções que adquiriu mais tarde e não há nos textos de Marx e Engels referência alguma a tais acepções. Em meados do século XIX, a palavra indicava tanto os adeptos de um ideário ou causa política quanto os membros de um grupo formal organizado (Ibidem, p. 63).

Questão não menos importante é a que trata do futuro partido político e nessa problemática, outro ponto de polêmicas que perduram até hoje. Como escrito anteriormente, os dois protagonistas do comunismo não participaram diretamente de partidos políticos, o que causa em si muita estranheza:

Marx e Engels interessavam-se pouco, a não ser de passagem pelos problemas de estrutura e organização partidária, ou de sociologia, que viriam a preocupar teóricos posteriores [...]. O partido deveria pretender ser a classe organizada, e Marx e Engels nunca se desviaram do que haviam declarado no Manifesto: que os comunistas não constituíam um partido separado, oposto a outros partidos da classe operária, nem criavam princípios sectários próprios com os quais moldar o movimento proletário (Ibidem, p. 64).

Em Marx, teoria e prática não estão dissociadas, uma vivendo independente da outra. Nada disso, bem o oposto, sentia ele a necessidade de sempre se criar uma mentalidade atuante, pensante, mesmo sabendo ele que as pessoas ao seu redor eram de condições muito diferentes, ora atuantes, ora submissas ao trabalho onde estavam.

Para Marx, o importante não era saber se os partidos da classe operária eram reformistas ou revolucionários, ou mesmo o que esses termos implicavam. Ele não via nenhum conflito, em princípio, entre a luta cotidiana dos trabalhadores pela melhoria de suas condições sob o capitalismo e a formação de uma consciência política que previsse a substituição do capitalista pela sociedade socialista, ou as ações políticas que levavam a esse fim (Ibidem, p. 65).

Um processo educativo seja para a política, seja para assumir um governo é uma questão de grande importância e também de difícil êxito, pois no emaranhado de opiniões conflitantes, fica patente a rivalidade entre os grupos, Marx é consciente do problema em voga, para ele:

A forma que tomariam a transferência do poder e a posterior transformação da sociedade dependeria do grau de desenvolvimento do proletariado e de seu movimento, que refletia tanto o estágio alcançado pelo desenvolvimento capitalista quanto seu próprio processo de aprendizado e amadurecimento pela práxis. Esse grau dependeria naturalmente da situação socioeconômica e política na época. Como era patente que Marx não se dispunha a esperar o proletariado se tornar uma ampla maioria numérica e a polarização de classes atingir um estágio avançado, é seguro dizer que ele previa que a luta de classes continuaria depois da revolução, ainda que da maneira mais racional e humana (Ibidem, p. 65).

A efervescência da doutrina marxista espalhou rapidamente este novo modo de pensar em varias regiões da Europa;

O crescimento dos partidos socialistas de massa, sobretudo depois de 1890, pela primeira vez criou a possibilidade em alguns países desenvolvidos de uma transição direta para o socialismo, sob governos proletários que haviam chegado ao poder via eleições (Ibidem, p. 68).

Eis uma questão perturbadora que o assombrava e com muita probabilidade causa arrepios em muitos hoje:

Qual poderá ser a consequência de tudo isso, a não ser que o partido de repente no momento da decisão não saiba o que fazer, que exista falta de clareza e insegurança quanto aos pontos mais terminantes porque esses pontos nunca foram discutidos? (Ibidem, p. 71).

Ontem como hoje, os governantes não têm muito claro o que fazer em determinadas circunstâncias, pois se esqueceram de pensar a respeito, não previram situação ou seus assessores simplesmente ignoraram certos aspectos da realidade.

A experiência mais concreta do comunismo que foi na antiga URSS, mostrou que a convivência entre os lados envolvidos muitas vezes tende a se amalgamar, uma mistura fina que praticamente não incomoda ninguém. Quem subiu tende quase sempre a incorporar os modos e estilos de vida daqueles que até então ocupavam o poder, não sem razão.

Ficou obscuro o caráter da luta de classes e das relações entre burgueses e proletários na república democrática, ou em seu equivalente. Em suma, deve-se admitir que a questão da estrutura política e da função do Estado burguês num capitalismo desenvolvido e estável não foi objeto de uma análise sistemática nos textos de Marx e Engels, à luz da experiência histórica dos países desenvolvidos depois de 1849 (Ibidem, p. 74).

Os paradoxos encontrados em Marx não param por aí. Ao mesmo tempo em que incitavam as massas a assumirem postos chaves e a consequente expansão do movimento proletário, deixaram de lado questões que hoje em hipótese alguma poderiam ter ficado fora e que com toda certeza Marx sabia das graves situações porque passavam outras regiões do globo. O que dizer de que:

A revolução era para eles um fenômeno essencialmente internacional e não um mero agregado de transformações nacionais. A estratégia que imaginaram era essencialmente internacional. Não foi por acaso que o discurso de abertura que Marx proferiu na instalação da Primeira Internacional concluiu com um apelo às classes trabalhadoras para que dominassem os mistérios da política internacional e tomassem parte ativa nela (Ibidem, p. 74).

Questão não menos curiosa também é o fato de que no pensamento marxista as coisas devem ocorrer sempre fora de sua terra natal e nunca dentro dela, foi assim que:

Durante grande parte da vida, Marx e Engels consideraram que era a França e não sua própria pátria, o país decisivo para a revolução. A atitude de ambos em relação à Rússia, durante muito tempo o principal alvo de seus ataques e de seu desdém, modificou-se assim que uma revolução naquele país se tornou possível (Ibidem, p. 75).

Contradições em Marx? Com toda certeza, Marx e seu fiel escudeiro não viam as mesmas nações de igual modo, e isso para quem estava, segundo eles próprios, ao lado dos mais oprimidos. Choca o fato de que:

De início compreenderam e aprovaram a conquista de áreas atrasadas, na Ásia e na América Latina, por nações burguesas avançadas, por motivos semelhantes. Da mesma forma, aceitaram que muitas nações pequenas não tinham justificativa para gozar de independência e algumas poderiam até deixar de existir como nacionalidades (Ibidem, p. 76).

Pensamento que se mostrou não confirmatório ao longo da história era o fato de que para Marx:

O palco decisivo da futura revolução proletária era a região de revoluções burguesas e de desenvolvimento capitalista avançado, ou seja, mais ou menos a área da França, da Grã-Bretanha, dos territórios alemães e talvez dos Estados Unidos. Marx e Engels mostraram pouco interesse a não ser circunstancial pelos países avançados menores e não decisivos do ponto de vista político, até que o surgimento de movimentos socialistas nesses países exigiu comentários por parte deles (Ibidem, p. 77).

Mais uma vez se nota que as lutas devem ocorrer em locais longe de sua pátria, talvez para ele, esses campos experimentais serviriam então mais tarde para uma implantação em solo alemão de seus ideais. Justamente nessas nações de forte tendência capitalista, o seu movimento não logrou êxito, bem ao contrário as práticas capitalistas aumentaram, exemplo mais notório é o americano que se tornou, em pouco tempo, o líder global e mais precisamente no final do século XX liderou uma intensa cruzada para reformular drasticamente o mundo trabalhista e também as suas concepções políticas em si mesmo e com os outros países.

Com a Revolução Industrial muito bem consolidada:

Depois de 1848, a rápida industrialização promoveu o crescimento tanto das classes trabalhadoras quanto dos movimentos proletários, mas a perspectiva de revolução social na zona avançada tornava-se cada vez mais improvável. O capitalismo se estabilizara (Ibidem, p. 77).

Evidente que a transformação mundial levou em conta suas ideias, nem tudo estava irremediavelmente perdido, não por acaso em muitas nações avançadas, os partidos e também os sindicatos propiciaram muitas melhorias, mesmo que isso se desse a duras penas. Com o passar dos tempos, os sindicatos foram pouco a pouco sendo dominados e desde então, fazendo parte da mesa dos capitalistas. Hoje pouco resta daqueles sindicatos atuantes e representativos tão sonhados por Marx.

Timidamente Engels, encarou as situações além de seu domínio como questões primordiais e merecedoras de ajuda, seja intelectual ou mesmo física.

Apesar de bem-vindos, Engels não dedicou muita atenção aos movimentos na Escandinávia ou nos Países Baixos, praticamente nenhuma aos dos Balcãs, e tendia a considerar quaisquer movimentos em países coloniais como irrelevantes ou como consequência de fatos ocorridos nas metrópoles (Ibidem, p. 81).

Pior do que isso se acaba crendo que Engels de modo direto e sem questionamentos quisesse que a condição das inúmeras colônias existentes em seu tempo permanecesse a mesma:

Com efeito, ele pouco pensou no problema da libertação colonial. Com efeito, é surpreendente a pouca atenção que ele dedicou a esses problemas, que quase tão logo suas cinzas foram espalhadas, se impuseram à esquerda internacional na forma do amplo debate sobre o imperialismo (Ibidem, p. 82).

Seja como for, seus seguidores intuíram de que esse não era o caminho a ser seguido naquele momento. Por mais desavenças que houvesse no interior do grupo tanto de Marx como de Engels, ficou patente de que era preciso buscar uma alternativa para se libertar e dar condições favoráveis a todos.

Considerações finais

Marx vive hoje de modo incontestado num mundo que constantemente clama por justiça em diversas esferas. Fica patente que sua teoria, “nasce das entranhas do capitalismo e só pode dar seu último suspiro com o desaparecimento do sistema que o engendrou” (MAGALHÃES: 2010, p. 42). Com singeleza, “Marx chama a atenção para o fato de que não é possível separar as diversas esferas das relações sociais da formação do caráter humano” (DIAS; ROTTA, 2009, p. 20).

O modelo mais expressivo de revolução que se tem até hoje foi o da antiga União Soviética, modelo de amplos contrastes entre a teoria marxista e os sucessivos governos que dominaram aquele poder por décadas. Modelo esse em larga escala contraditório com o preceito de Karl Marx, que se estivesse vivo na época com toda probabilidade teria feito sérias ressalvas ao modo de se governar. Então:

Como resumir o legado geral de ideias sobre política que Marx e Engels deixaram aos seus sucessores? Em primeiro lugar, esse legado acentuava a subordinação da política ao desenvolvimento histórico. A vitória do socialismo era historicamente inevitável em virtude do processo sumarizado por Marx na famosa passagem sobre a tendência histórica da acumulação capitalista em *O Capital*, culminando na profecia sobre a expropriação dos expropriadores (Ibidem, p. 83).

Mais adiante:

Em segundo lugar, a política era crucial na medida em que a classe operária, inevitavelmente triunfante, se organizaria politicamente e visaria a transferência do poder político que seria exercido por um sistema transitório de autoridade do Estado submetida ao proletariado (Ibidem, p. 83).

Por si só a política é uma eterna luta entre grupos contrários, até mesmo quem não muito se interessa por essa esfera, em dado momento tem de participar, uma completa ausência é impossível, por isso:

Em terceiro lugar, eles viam essa política essencialmente como uma luta de classes dentro de Estados que representavam a classe dominante. Marx e Engels criticavam constantemente a ideia de que o Estado se superpunha às classes, representava o interesse comum de toda a sociedade ou era neutro em relação às classes. O Estado era um fenômeno histórico da sociedade de classes, mas enquanto existisse representaria o domínio de classes (Ibidem, p. 84).

E talvez a grande meta que Marx e Engels se propuseram a eliminar de uma vez por todas, até o presente momento não deu sinais de ser extirpada, ou seja, a barreira entre os que mandam e os subordinados, não houve e não há governo que consiga eliminar tal divisão. Em Marx portanto:

Em quarto lugar, quaisquer que fossem as atividades por ele exercidas, o Estado proletário transitório deveria eliminar a separação entre povo e governo, entendido este como um conjunto especial de governantes. Poderíamos dizer que o Estado tinha de ser democrático (Ibidem, p. 84).

Por mais esforços que sejam feitos, fica evidente que a implantação do sistema marxista encontra uma séria e profunda resistência, até os mais arraigados marxistas sabem disso. O mundo deu passos gigantescos em outras direções que não o pensamento de Marx, este nas últimas décadas recebeu um impacto profundo da chamada globalização, enterrando assim muitas esperanças de várias nações.

Esta tem sido a parte mais difícil do legado de Marx para seus sucessores, uma vez que por motivos que vão além do âmbito desta exposição, até agora todas as tentativas reais de construir o socialismo segundo princípios marxistas tem fortalecido um aparelho de Estado independente, ao passo que os marxistas tem se mostrado relutantes a abandonar a aspiração que Marx com tanta firmeza considerava um aspecto essencial do desenvolvimento da nova sociedade (Ibidem, p. 85).

Mais difícil é o caminho daqueles que vieram depois de Marx e Engels e que levaram em frente seu pensamento. Não é tarefa fácil traduzir tal pensamento em situações muitas vezes totalmente adversas, ambientes hostis e até mesmo preconceituosos para com estes dois renomados pensadores. “Por fim Marx e Engels deixaram para seus sucessores um pensamento político com vários espaços vazios ou preenchidos de modo ambíguo” (Ibidem, p. 85). Tornar eficaz esta doutrina num momento em que o mundo parece estar caminhando para uma séria crise econômica é uma ocasião salutar e generosa, o ambiente hipermoderno busca por soluções adequadas e justas.

Se Marx e Engels não resolveram todos os problemas do seu tempo, não foi por falta de material ou vontade. Muito provavelmente de comum acordo insistiram em problemas cruciais existentes até então. O que apareceu durante a extremamente rica existência dos dois, foi algo muito repentino que sem o querer não se deram conta ou talvez até não tiveram tempo suficiente para avaliar as diferentes situações.

Como se recusassem a especular a respeito dos detalhes da sociedade socialista vindoura e de suas disposições, ou mesmo sobre os detalhes do período transitório depois da revolução, deixaram para seus sucessores pouco mais do que alguns princípios gerais dentro dos quais essa sociedade seria construída. Assim não restou nenhuma orientação concreta de aplicação prática, com relação a problemas como a natureza da socialização da economia ou os meios de planejá-la. Além disso, há algumas questões para as quais não ofereceram nenhuma orientação (Ibidem, p. 85).

Por derradeiro cabe também ressaltar outro pensador marxista da atualidade, István Mészáros citado por Rodrigues, que lucidamente mostra que:

A dramática crise financeira que experimentamos nos últimos três anos é apenas um aspecto da trifurcada destrutibilidade do sistema de capital. Em primeiro lugar, na esfera militar, com as intermináveis guerras do capital desde o começo do imperialismo monopolista nas décadas finais do século XIX, e suas mais devastadoras armas de destruição em massa nos últimos 60 anos; em segundo, na intensificação, pelo óbvio impacto destrutivo do capital na ecologia, afetando diretamente e já colocando em risco o fundamento natural elementar da própria

existência humana; e em terceiro, no domínio da produção material e do desperdício cada vez maior, devido ao avanço da produção destrutiva, em lugar da outrora louvada destruição criativa ou produtiva. Esses são os graves problemas sistêmicos de nossa crise estrutural que só podem ser solucionados por uma completa mudança estrutural (RODRIGUES, 2011, p. 11-12).

Portanto, a crise estrutural parece sempre ter um começo, porém o seu fim nem sempre é fácil de vislumbrar. Fica mais do que evidente que a audácia humana não tem limites quando se trata de especular ao seu bel prazer. Os resultados tem mostrado que essa aventura sem freios por parte de muitos governos coniventes com a ideia de progresso a qualquer custo, tem conduzido muitos irresponsáveis a lucrar com a desgraça alheia. O ser humano precisa, antes de mais nada, se convencer que para subir na vida a qualquer preço não tem sido a sua melhor saída, deixa em muitos casos um gosto amargo, uma sede de vingança naqueles que perderam tudo, a revolta diante de tais desmandos tem causado muitos e dolorosos estragos, sejam entre os que ganham, sejam entre os que perdem. Eis a próxima e gigantesca tarefa. Reestruturar este ser, seu gênio para o bem e não para o mal. Cabe a cada um mudar ou não a sua história.

Referências Bibliográficas

DIAS, M. C. L; ROTTA, T. “Filosofia, economia e a crise”. In: *Filosofia: ciência e vida*. São Paulo, v. 34, nº 34, p. 14-23, 2009.

FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. Tradução de Octavio Alves Velho. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

HOBBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. Tradução de Donaldson M. Garschagen, 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri-SP: Manole, 2007.

MAGALHÃES, Fernando. “Marx: um filósofo para o século XXI”. In: *Filosofia: ciência e vida*, São Paulo, v. 45, nº 45, p. 40-48, 2010.

RODRIGUES, Maysa. “O marxismo de István Mészáros”. In: *Sociologia*, São Paulo, v. 36, nº 36, p. 06-13, 2011.